NOTAS VOL29

001

Cláudio Velho da Mota Maia, barão, visconde e conde de Mota Maia (n. em Itaguaí/RJ em 1845 e m. em Juiz de Fora/MG, em 1897). Formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1866. Exerceu o cargo de médico do Hospício de Nossa Senhora da Saúde em 1870. Foi opositor da Seção de Ciências Cirúrgicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1871, lente de anatomia e fisiologia da Academia de Belas Artes e lente de anatomia e cirurgia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1880, foi nomeado médico da Casa Imperial, conservando-se no cargo até o falecimento de d. Pedro II. Em 1888, foi alvo de manifestações de apreço pelo bom êxito de sua missão como médico particular do imperador, dirigindo o tratamento a este ministrado na Europa desde o ano anterior.

002

Théophile Gautier, poeta francês (n. em Tarbes em 1811 e m. em Neuilly-sur-Seine, em 1872). Partidário do romantismo, chegou, no entanto, sem renegar suas primeiras admirações, a uma poesia mais ciosa da beleza formal. Devem-se-lhe também romances e obras de crítica literária e artística.

003

Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha, n. no Rio de Janeiro em 1866 e m. em Viena em 1934, filho de d. Leopoldina e, portanto neto de d. Pedro II. Ficando órfão de mãe em 1871 foi criado pelos avós, juntamente com o irmão, d. Augusto Leopoldo. Bacharel em ciências e letras, concluiu o curso de engenharia civil em 1886. Em 1880 fez uma conferência sobre a mineração no Brasil e, em 1887 publicou, em francês, traduzindo-a depois para o português, uma monografia sobre os minérios de Morro Velho. De temperamento tímido, retraído, vivia para pesquisa e a meditação, tivera já um distúrbio nervoso, em criança, e o banimento da Família Imperial acabou por desequilibrá-lo. Faleceu internado em um sanatório em Tuln.

004

Era hábito "batizarem" as pessoas que atravessavam o Equador pela primeira vez.

005

Franklin Américo de Meneses Dória, barão de Loreto, n. na ilha dos Frades (BA) em 1836 e m. no Rio de Janeiro em 1906. Casado com Amanda Paranaguá, filha do 2º marquês de Paranaguá, amiga de infância da princesa Isabel.

006

Pot au noir: expressão francesa que significa estar em situação perigosa, estar "em maus lençóis".

007

Emile Montegut, literato francês, tradutor de Shakespeare, n. e m. em Limoges (1825-1895).

008

Pierre Jean de Béranger, cançonetista francês (n. em Paris, em 1780 e m. em 1857). Suas canções, de inspiração patriótica e política, valeram-lhe imensa popularidade: "O rei de Yvetot", "O Deus dos pobres", "A avó".

009

José Dias de Matos Veríssimo, crítico e historiador literário brasileiro n. em Óbidos (PA) em 1857 e m. no Rio de Janeiro em 1916. Foi professor da antiga Escola Normal e diretor do Colégio de Pedro II, do Rio de Janeiro. Dirigiu a Revista Brasileira, em cuja sede se realizou a primeira sessão da A. B. L., da qual foi membro fundador. Autor de Primeiras páginas, Cenas da vida amazônica, Homens e coisas estrangeiras, Estudos da Literatura brasileira etc. deixou, ainda valiosa colaboração em jornais e revistas.

010

Obra de João Bonança, publicada em 1899. O autor foi escritor e jornalista português, n. em Lagos em 1936 e m. em 1924, abraçou o estado eclesiástico por instâncias da família. Colaborador do Algarviense e do Arquivo Comercial, lutava, em seus artigos, pela abolição da pena de morte, pelo estabelecimento do registro civil, ampla liberdade de imprensa, liberdade de reunião e associação etc. Escreveu, ainda em defesa do código civil. Fundou o Trabalho e redigia a República Federal, primeiros jornais republicanos que se publicaram em Portugal. Escreveu entre outras obras, Questões da Atualidade, A Religião e a Política e Reorganização Social, obra que causou grande polêmica.

011

Charles Nodier, escritor francês, n. em Besançon em 1780 e m. em Paris, em 1844. Suas obras, que vão do romance de horror ao conto fantástico, prepararam o caminho para Nerval e o surrealismo.

012

Salomon Maimon, filósofo judeu polonês n. em Naschwitz (Lituânia) em 1754 e m. em Nieder Sugersdorf (Silésia) em 1800. Sua obra Essai sur la philosophie transcendantale (1790) reproduz as principais idéias da filosofia de Kant e sua obra mais importante "Essai d'une nouvelle logique" (1794) dá uma parte importante ao ceticismo.

013

Dia do aniversário de d. Pedro II.

014

Amanda Lustosa Paranaguá, baronesa de Loreto, amiga de infância da princesa Isabel.

015

Alfred de Musset, escritor francês, n. e m. em Paris (1810-1857) ficou célebre pelos seus Contos de Espanha e da Itália (1830). Escreveu peças, contos, um romance autobiográfico A confissão de um filho do século, em 1836. Possuía uma personalidade contraditória e apaixonada tendo tido uma ligação tempestuosa com a escritora George Sand.

016

Georges Bizet, compositor francês, n. em Paris em 1838 e m. em Bougival, em 1875. Escreveu para o teatro lírico Os pescadores de pérolas, A linda jovem de Perth, A Arlesiana, e Carmem, obras primas de vida e de pitoresco.

017

João Augusto Marques Gomes, erudito escritor português, n. em Aveiro em 1853. Escreveu inúmeras obras sobre sua terra natal e deve-se-lhe a criação do Museu Regional de Aveiro. Entre outras obras, contam-se a conclusão da "História de Portugal popular e ilustrada", de Manuel Pinheiro Chagas, décimo segundo volume (1907), "A mulher na Antigüidade"(1888) e muitas outras.

018

Título concedido em 10/06/1869, pelo duque Ernesto II, da Saxônia à cantora Elisa Hesdler, esposa de d. Fernando II, viúvo de d. Maria II, rainha de Portugal.

019

Carolina Maria, filha do 2º visconde e 2º conde de Seisal, Pedro Maurício Correia Henriques e de sua 1ª mulher Carolina Maria de Castro Pereira, filha de Rodrigo Delfim Pereira, filho ilegítimo de d. Pedro I.

020

Alexandre Herculano, historiador, romancista e poeta português n. em Lisboa em 1810 e m. em Val-de-Lobos em 1877. Criador do romance histórico português, dentro do espírito do romantismo. Incumbido pela Academia das Ciências de Lisboa de inventariar os arquivos do país, organizou os Portugaliae monumenta histórica, fonte preciosíssima de informações históricas, etnográficas e lingüísticas.

021

Francisco Inácio de Carvalho Moreira, barão de Penedo n. em Penedo (AL) em 1815 e m. no Rio de Janeiro em 1906. Bacharel em direito, doutor pela Faculdade de Oxford. Foi deputado por Alagoas, ocupou vários cargos diplomáticos, era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi veador da imperatriz. Publicou, entre outras obras: Constituição Política do Império do Brasil, Da revisão geral e codificação das leis civis e do processo no Brasil, Missão especial a Roma em 1873...

022

José Júlio Rodrigues, n. em Goa em 1843 e m. em Lisboa em 1893. Estudou na Universidade de Coimbra. Foi professor do Instituto de Lisboa e professor de química da Escola Politécnica e do Instituto Industrial da mesma cidade. Foi deputado, trabalhando muito pelo melhoramento do ensino, melhorou e inventou alguns procedimentos fotográficos e industriais.

023

José Vicente Barbosa du Bocage, político, professor e naturalista português, n. em Funchal, na Ilha da Madeira em 1823 e m. em Lisboa, em 1907. Autor de numerosos trabalhos e monografias sobre a fauna de Portugal e de suas colônias, foi o organizador do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (Museu de Bocage). Duas vezes ministro de Estado.

024

Marie Anne Louis de Bussy, engenheiro e sábio francês n. em Nantes, em 1822 e m. em Paris, em 1903. Aluno da Escola Politécnica, grande parte de sua carreira foi como attaché do serviço de construção naval em Lorient. Deve-se-lhe a introdução do aço nas construções navais e diversos aperfeiçoamentos na construção de navios e de sua proteção.

025

Manuel Antônio da Rocha Faria, conde de Nioac, n. em Porto Alegre (RS),em 1830 e m. em Cannes (França) em 1894.

026

Dom Fernando II, marido de d. Maria II, príncipe de Saxe Coburgo Gotha n. em Coburgo em 1816 e m. em Lisboa em 1885. Dedicava-se às belas artes e declarou-se protetor da Academia de Belas Artes de Lisboa, fundada em 1836, fazia zelar pelas obras de arte e sítios históricos, auxiliava os artistas. Viúvo de d. Maria II, casou-se, em 1869, com a cantora Elisa Hesdler, condessa de Edla. "Chalé da Condessa", no Parque da Pena, moradia de d. Fernando e da condessa Edla.

027

Estadista e jurisconsulto português (João das Aregas), chanceler-mór e privado do rei d. João I, n. em Lisboa por volta de 1340 e m. em 1404. Estudou Direito na Universidade de Bolonha, recebendo o título de Doutor em leis. Regressando a Portugal em 1382 aí introduziu a doutrina jurídica baseada no direito imperial romano e que tendia a tirar à sociedade o seu caráter feudal. Sepultado na igreja do convento de Benfica, que ele fundou.

028

Francisco Xavier da Costa Aguiar de Andrada, barão de Aguiar de Andrada, n. em São Paulo e m. em Washington em 1892. Magistrado na província de São Paulo, entrou para a carreira diplomática, como adido de Legação, passando depois a Secretário em Londres e ministro plenipotenciário em diversas cortes.

029

Carlos Testa, oficial de Marinha, n. e m. em Lisboa (1823-1891).

030

Trata-se da questão do território de Palmas, ainda pendente em 1889. Conforme Hélio Viana - História do Brasil.

031

Bento de Moura Portugal n. em [ver] da Beira em 1702 e m. em 1776, no forte da Junqueira, onde estava encerrado por ordem de Pombal que o acusou de conspiração. Teve grande renome em Portugal e foi cognominado por seus contemporâneos "o Newton português". Fez várias descobertas em química e mecânica. Entre outros escritos: Inventos e vários planos de melhoramentos para este Reino, escritos nas prisões do Junqueira (1821). Morreu louco.

032

Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde de Ouro Preto n. em Ouro Preto em 1837 e m. em Petrópolis em 1912, casado com Francisca de Paula de Martins de Toledo. Pai do conde de Afonso Celso.

033

Georges Ohnet, romancista francês, n. e m. em Paris (1848-1918). O tema principal de seus escritos é o antagonismo da plutocracia e da aristocracia de raça. Não era um artista da forma e do estilo, porém não se pode negar a clareza de exposição e o desenvolvimento lógico e hábil da construção.

034

Álvaro Pinheiro Chagas, escritor e jornalista n. em Lisboa em 1872 e m. no Estoril em 1935, filho do grande Manuel Joaquim Pinheiro Chagas. Político franquista, teve o seu jornal "Correio da Manhã", empastelado após a queda do franquismo e exilou-se. Quando conseguiu voltar a Portugal dedicou-se ao comércio, instalando-se no Estoril.

035

Deve referir-se a Gaspar Mermillod, prelado e escritor suíço n. em 1824 e m. em 1892. Foi causador de largo conflito entre a Santa Sé e o Conselho Federal. Foi bispo de Lausanne e cardeal em 1890.

036

Antônio de Melo Breyner Teles da Silva, 3º conde e 2º marquês de Ficalho. Além de outros cargos e honrarias foi gentil-homem da câmara de d. Maria II, d. Pedro V, d. Luís e d. Carlos, ajudante de campo de d. Pedro IV, d. Augusto de Leutchemberg (1º marido de d. Maria II) e de d. Fernando II (2º marido da mesma senhora), (1806-1893)

037

Deve ter querido escrever impertérritos, que quer dizer destemidos.

038

Pedro Barreto de Resende, escritor português, m. em Lisboa em 1651. Acompanhou o vice rei Miguel de Noronha, conde de Linhares, à Índia em 1629. Escreveu, entre outras: Notícias de todas as praças que os portugueses tinham na Índia; Tratado dos vice-reis na Índia, manuscrito existente na Biblioteca Nacional de França.

039

José de Miranda da Silva Reis, barão de Miranda Reis n. no Rio de Janeiro, em 1824 e m. em 1903, bacharel em matemática pela antiga Escola Militar. Marechal reformado do Exército, foi ministro do Supremo Tribunal Militar, presidente e comandante das armas de Mato Grosso e, quando foi proclamada a República era gentil homem do imperador ao serviço da princesa Isabel e do Conselho do soberano. Produziu Projeto de reorganização das forças arregimentadas (1888) e várias obras sobre estradas.

040

Armário.

041

Ernest Renan, historiador e filólogo francês, n. em Treguier em 1823 e m. em Paris, em 1892. Desviou-se de sua vocação eclesiástica para consagrar-se à história das línguas e das religiões: seus trabalhos de exegese confirmaram as convicções racionalistas que revelou em "O futuro da Ciência" (1890) e "História das origens do cristianismo" (1893).

042

José Francisco Bernardes, barão de São Joaquim. N. em São João Batista do Arrozal (RJ) em 1836 e m. em Petrópolis em 1916. Capitalista, foi moço fidalgo com exercício, da Casa Imperial e da Casa Real de Portugal. Casado em primeiras núpcias com Clara Guilhermina da Rocha e, em segundas núpcias com Joaquina de Oliveira de Araújo Gomes, n. em 1849, filha do 2º barão de Alegrete.

043

José Tomás de Sousa Martins, médico e escritor n. e m. em Alhandra (1843-1897). Notável pelo talento, saber e fluência das palavras. Deixou: Comemoração de Luís Pasteur, Nosografia de Antero de Quental, estudos e relatórios de sua especialidade. Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e de grande número de sociedades e academias estrangeiras. Foi relator da Farmacopéia Portuguesa, de 1876. Foi-lhe erigido um monumento em Lisboa.

044

Antônio Tomás da Fonseca, arquiteto e pintor n. em Lisboa em 1822 ou 23 e m. em 1894. Estudou pintura na Alemanha, França, Itália e Inglaterra; regressando a Lisboa foi provido na cadeira de desenho e ornato da Academia de Belas Artes e nomeado diretor da mesma Academia em 1878, lente de desenho do Instituto Industrial e Comercial. Em 1882, quando foi criado o Museu de Belas Artes foi escolhido seu diretor. Foi arquiteto do monumento aos Restauradores, em Lisboa e, no concurso para o monumento de D. Pedro IV, Pedro I do Brasil, seu projeto obteve o 2º prêmio.

045

Antônio Manuel da Fonseca, n. e m. em Lisboa (1796-1890), pai do precedente. Foi professor de pintura histórica na Academia de Belas Artes de Lisboa e mestre dos reis portugueses e de seus filhos. Deixou importantes obras e cópias de artistas famosos. Notabilizou-se, também como decorador, inclusive do Teatro Nacional de d. Maria II em Lisboa.

046

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, polígrafo e especialmente romancista português (n. em Lisboa em 1825; m. em São Miguel de Seide em 1890), autor de várias obras de ficção e de fundo histórico. Camilo tentou várias carreiras não tendo completado nenhum estudo empreendido. Dedicou-se então à literatura como meio de vida - é o verdadeiro instituidor do romance passional - o grande conhecimento da língua, imaginação viva e vastíssima cultura tornam-no inconfundível; conhecida linguagem dos clássicos e da linguagem do povo dão-lhe linguagem pessoal - Camiliana. Opositor do Realismo, acabou por adotá-lo, mas suas obras são essencialmente "portuguesas". Pouco antes de sua morte recebeu o título de visconde de Correia Botelho.

047

D. Manuel II, 2º filho do rei Carlos e d. Amélia. N. em 1889 e m. em 1932 na Inglaterra. Reinou de 1908 a 1910.

048

D. Pedro II costumava chamar a madrasta de "minha mãe Amélia".

049

Francisco de Matos Vieira, dito Vieira Lusitano, pintor português, n. e m. em Lisboa (1699-1783). Discípulo de Lutti e Trevisani, na Itália, trabalhou em Lisboa, à época de d. João V, na Capela de São Roque (Santo Antônio pregando aos peixes, Visão de Santo Antônio); no Convento dos Paulistas (Eremitas, O sermão da montanha); em Évora (Santo Agostinho); e na decoração de vários palácios como o dos duques de Palmela etc.

050

Isaac Peral, marinheiro espanhol (1851-1895) inventor de um submarino em 1887.

051

Maria Luísa Domingas de Sales de Borja de Assis de Paula de Sousa Holstein, 3ª duquesa de Palmela. N. em 1841 e m. em Sintra em 1909. Dedicou-se à escultura, tendo sido discípula de Anatole Calmels, escultor francês.

052

Felisbela Cândida de Vasconcelos Kopke, viúva do dr. Henrique Kopke Jr. (provavelmente).

053

Henry Norton Stanley, jornalista e explorador inglês n. em Denbrigh (País de Gales) em 1841, m. em Londres em 1904. Tomou parte na Guerra de Secessão e acompanhou lorde Napier à Abissínia. Deixou, entre outras obras: "Through the dark continent" e "Trough South Africa".

054

Gaetano Casati, viajante italiano, n. em Lesmo, perto de Monza em 1838 e m. em Cortenuova, na Brianza, em 1902.

055

Joaquim Teófilo Fernandes Braga, n. na ilha de S. Miguel em 24/02/1843 e m. em Lisboa em 28/01/1924. Formou-se em Direito em 1866, em 1868 defendeu tese e tomou capelo. De 1869 a 1872 publicou 14 volumes da sua História da Literatura Portuguesa. Fez brilhante concurso para a cadeira de Literatura Moderna do curso superior de Letras. O curso de Filosofia Positiva de Augusto Comte foi o incentivo da sua renovação mental. Ficaram memoráveis suas polêmicas com Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas, Antero de Quental e com o próprio Camilo

056

D. Maria, rainha de Portugal de 1777 a 1816, n. em Lisboa em 1734 e m. no Rio de Janeiro em 1816. Entre seus atos destacaram-se a demissão do marquês de Pombal, a democratização da administração e resolução de questões sobre limites do Brasil mediante tratado preliminar de Santo Ildefonso (1777) e o da Aliança (1778). Em 1792, por apresentar sinais de loucura assumiu a regência seu filho d. João, futuro d. João VI. Em 1807 veio com a família real para o Brasil.

057

João V, o Magnânimo, vigésimo quarto rei de Portugal (Lisboa, 1689 - id., 1750. Governou por 44 anos, tendo sido proclamado em 1706, pouco antes dos desastres de Almança (1707) e do Caia (1709), e do saque do Rio de Janeiro por Duguay-Trouin.

058

Miguel Ângelo (Michelangelo Buonarroti), pintor, escultor, arquiteto e poeta italiano, n. em Caprese, Toscana em 1475 e m. em Roma, em 1564). Ninguém igualou a originalidade e a força de suas concepções, e suas obras são admiradas pela diversidade ao mesmo tempo que pelo caráter grandioso.

059

Guido Reni, pintor italiano, n. em Calvenzano, em 1575; m. em Bolonha em 1642). Destaca-se pela elegância do traço e pelo desenho expressivo.

060

Rafael (Raffaello Santi), pintor italiano n. em Urbino em 1483; m. em Roma em 1520. Discípulo de Perugino, trabalhou em Perúgia, Florença, Roma, e foi, na corte dos Papas Júlio II e Leão X, arquiteto-chefe e superintendente dos edifícios. Sua arte revela, harmoniosamente, qualidades excepcionais: precisão do desenho, harmonia das linhas, colorido de delicadeza infinita.

061

Pedro João de Morais Sarmento, 2º barão da Torre de Moncorvo, n. em 1829 e m. em 1903, 8º marquês de Fronteira e Alorma e conde da Torre pelo seu casamento com Maria Mascarenhas Barreto, 3ª marquesa da Fronteira e 6ª marquesa de Alorna, genro de d. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, n. em Lisboa em 1802 e m. no palácio de Benfica em 1881. Juntou-se ao exército de d. Pedro, na Terceira e tomou parte em várias ações no cerco do Porto com bravura. D. Pedro nomeou-o seu oficial. Participou da expedição à Lisboa colaborando com bravura.

062

D. Fernando II, príncipe de Saxe Coburgo Gotha, n. em Coburgo em 1816 e m. em Lisboa em 1885, foi casado com a rainha d. Maria II. Dedicava-se às belas artes e declarou-se protetor da Academia de Belas Artes de Lisboa fundada em 1836. Fez velar pela conservação da Batalha, de Mafra, de Tomar, dos Jerônimos, reunindo os objetos de arte e auxiliando artistas. Comprou a Pena, em Sintra, onde fez edificar o celebre castelo construído pelo barão de Eschevege (1840-50). Em 1869 casou-se com a cantora Elisa Hensler a quem o rei da Prússia conferiu o título de condessa de Edla.

063

Rufino Enéias Gustavo Galvão, barão e visconde de Maracaju. Salientou-se na campanha do Paraguai. Foi membro da comissão de limites do Brasil com Paraguai e chefe da comissão de limites entre Brasil e Bolívia. Ajudante e general do exército, marechal de campo, conselheiro de guerra e ministro da Guerra no último gabinete da monarquia. Presidente do Amazonas, Mato Grosso e Pará.

064

Antônio Augusto de Aguiar, químico e político, n. em Lisboa em 1838 e m. em Lisboa em 1887. Cursou Ciências Naturais e Química na Escola Politécnica da qual foi lente de Química. Destacou-se em vários estudos da Química. Em 1875 iniciou sua atividade política. Ministro das Obras Públicas, dedicou-se ao ensino industrial. Foi presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, vogal do Conselho Superior das Alfândegas e grão mestre da Maçonaria Portuguesa. Seus discursos parlamentares tinham grande repercussão. Deixou várias obras publicadas.

065

José Joaquim Gomes de Brito, escritor e arqueólogo, diplomado com o curso superior de Letras, oficial da C. M. de Lisboa; n. em Lisboa em 1843 e m. em 1923. Sócio fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa. Deixou vasta bibliografia composta sobretudo de artigos publicados em vários jornais da capital a partir de 1876; Entre outras: Elogio histórico de Antônio Augusto de Aguiar; com Álvaro Neves fez a continuação do Dicionário bibliográfico português, de Inocêncio Francisco da Silva, de que publicaram em 1923, o tomo XXII.

066

Jaime Moniz, professor n. no Funchal em 1837 e m. em Lisboa em 1917. Nome completo Jaime Constantino de Freitas Moniz. Formado em Direito pela universidade de Coimbra. Vice presidente do Conselho Superior de Instrução. Ingressando na política, foi várias vezes deputado. Nomeado diretor geral da Câmara dos Deputados, cargo em que se aposentou em 26/12/1896. Em 1882 empreendeu a publicação do Anuário da Câmara dos Deputados. Nomeado ministro da Marinha e Ultra-mar em 13/09/1871, teve de abandonar o cargo por doença. Pode realizar importantes reformas, principalmente referentes à instrução.

067

Ver nota número 46.

068

Luís Paulino de Oliveira Pinto da França (1771-1824). Foi o primeiro senhor do morgado de Fonte-Nova, marechal de campo, condecorado com a medalha de ouro da guerra peninsular e deputado à constituinte portuguesa de 1821. Cultivou a poesia.

069

Francisco Antônio Gomes, poeta popular n. em Coimbra e morreu com mais de 50 anos nessa mesma cidade em 1845. Exerceu a profissão de barbeiro e de amolador, dedicava-se à poesia tendo publicado alguns folhetos.

070

Maria I, rainha de Portugal de 1777 a 1816, n. em Lisboa em 1734 e m. no Rio de Janeiro em 1816. Filha do rei Dom José e mulher de Pedro III, seu tio. Entre seus atos, destacaram-se a demissão do marquês de Pombal, a democratização da administração e a resolução de questões sobre limites do Brasil, mediante o tratado preliminar de Santo Ildefonso (1777) e o de Aliança (1778). Em 1792, por apresentar sinais de loucura, assumiu a regência seu filho, príncipe dom João, depois dom João VI. Em 1807, acompanhou a família real ao Brasil.

071

Deve referir-se a Miguel Osório Cabral, n. em Travassô em 1818 e m. em 1890. Bacharelou-se pela universidade de Coimbra em 1841. Militante político. Escreveu sobre assuntos jurídicos em jornais de jurisprudência e, entre outras obras: Drama Histórico, representado no teatro de D. Maria II.

072

Há um engano de d. Pedro: trata-se de Abílio Albano de Lima Duque, escritor e jornalista. Foi professor em Lisboa e em Coimbra e, desde então, debateu assuntos literários e filosóficos. Deixou obra numerosa, entre as quais Musas Cristãs.

073

Adelaide Ristori, n. em Cividale (Frioul) em 1821 e m. em Roma em 1906. Iniciou a carreira de prima dona em 1838, em 1855 fez uma turnê pela França, Bélgica e Alemanha. Em 1856 Mme. Ristori criou, em italiano, a Medéia de Legouvé, do qual interpretou Beatriz, em francês. Depois de percorrer a Europa ela dirigiu-se à América Setentrional, sendo entusiasticamente acolhida. Casou-se em 1847 com o marquês Capranica del Grillo. Em 1901 publicou Macmillans Magazine, no qual expõe suas reflexões sobre a arte dramática. Retirou-se da cena em 1874. Foi grande amiga de d. Pedro II.

074

Anton Rubinstein, pianista e compositor judeu russo, n. em Vikvatintsi em 1829 e m. em Peterhof, em 1894. Fundador dos conservatórios de São Petersburgo e de Moscou, autor de concertos, sinfonias e óperas.

075

Jules Verne. Escritor francês, n. em Nantes em 1828 e m. em 1905. Em suas obras de ficção científica utilizou princípios científicos e aparelhos que só foram descobertos muitos anos depois. Obras principais: "Vinte mil léguas submarinas", "A volta ao mundo em 80 dias", "Miguel Strogoff", etc.

076

Irkutsk - Capital da Sibéria oriental, situada na província do mesmo nome, nas duas margens do rio Angora, a 52 º lat. N e 104 º de long. E. Cantada na literatura siberiana como local de degredo no tempo do império russo. A construção do caminho de ferro transiberiano estimulou seu comércio com a China e a Europa.

077

Carl Friedrich Philipp von Martius, botânico alemão (1704-1868), formou-se em medicina e dedicou-se às ciências naturais. Em 1817, integrou missão científica enviada ao Brasil pelos governos bávaro e austríaco, encarregando-se da seção de botânica. Durante três anos percorreu o país, chegando até o alto Amazonas. De volta à Alemanha foi nomeado professor da Universidade de Munique (1826) e diretor do Jardim Botânico dessa cidade (1832). Como resultado da longa expedição ao Brasil, publicou junto com Spix, Reise in Brasilien (1823-1831) e sua maior realização foi a monumental Flora Brasiliensis, que iniciou em 1840 e dirigiu até 1868. Depois de sua morte, foi continuada por outros colaboradores, sendo concluída em 1906.

078

François Coppée, poeta e dramaturgo francês, n. e m. Paris (1842- 1908). Autor de coleções de poesias líricas.

079

Ernest Auguste Eugene Havet, professor e erudito francês, n. e m. em Paris (1813-1889).

080

Vila da Áustria.

081

Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde de Ouro Preto. N. em Ouro Preto em 1837 e m. em Petrópolis a 1912. Formado em Direito pela Faculdade de São Paulo. Exerceu vários cargos políticos por Minas Gerais. Senador do império em 1879, ministro da Marinha em 1866, da Fazenda e interinamente do império em 1878, veador da imperatriz. Exilou-se com a família imperial na Europa.

082

Carlos Afonso de Assis Figueiredo, irmão do visconde de Ouro Preto. N. em Minas Gerais em 1845. Bacharel em Direito exerceu cargos políticos pela sua província. Ministro da Guerra no gabinete de 03/07/1822. Acompanhou o irmão no exílio determinado pelo governo provisório da República. M. em 1907.

083

Gaspar da Silveira Martins, n. e m. em Bagé (RS) em 1835-1901. Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas pela faculdade de São Paulo. Ministro da Fazenda no gabinete de 05/01/1878. Foi presidente do Rio Grande do Sul. Expatriado por ocasião da proclamação da República.

084

Sorrateiramente.

085

Francisco Teixeira de Aguilar e Azeredo, 2º visconde e 2º conde de Samodães, n. em Combade, conc. de Vila Nova de Gaia em 1828. Formado em Matemática pela Universidade de Coimbra, engenheiro civil e militar pela Escola do Exército de Lisboa, par do Reino por sucessão, ministro de Estado honorário, deputado da Nação, presidente da Câmara Municipal do Porto.

086

César Lúcio Elio Aurélio Cômodo Antonino Augusto, filho de Marco Aurélio e de Faustina. N. em Lanuvium (31/08/161) e m. em Roma (31/01/192) assassinado.

087

Harriet Beecher-Stowe, escritora norte-americana n. em Litchfield, Connecticut, em 1811 e m. Hartford em 1896. Dona de sólida instrução, dedicou-se desde cedo ao magistério. Em 1836 casou-se com teólogo Calvino Ellis Stoux acérrimo partidário da abolição da escravatura. A sua obra prima foi a Cabana do Pai Tomás e eloqüente apologia da raça negra.

088

Maria Amália Vaz de Carvalho. Escritora e poetisa portuguesa n. e m. em Lisboa (1847-1921), viúva de Gonçalves Crespo.

089

Francisco José de Resende, pintor n. em 03/12/1825 e m. em 30/11/1893. Nomeado em 1851 pela professora da Academia de Belas Artes do Porto lugar que exerceu até ser jubilado em 1882. Recebeu de d. Fernando II uma bolsa de estudos em Paris, em 1854. Seu trabalho acusava influência da escola francesa e cuidado apurado na execução. Deixou obras de pintura e escultura, destas últimas sobressai o busto de Camões, comemorativo do tricentenário do poeta, em 1880.

090

Louis Pasteur, químico e biólogo francês n. em Dole em 1822 e m. em Villeneuve-l'Etang em 1895. Realizou pesquisas notáveis de estereoquímica. Voltando-se depois para o estudo das fermentações, mostrou que elas eram causadas por microrganismos e que não existia a "geração espontânea" dos micróbios. Estudou a doença dos bichos-da-seda (1865); depois de um estudo sobre os vinhos, elaborou um método de conservação da cerveja, a pasteurização. De 1870 a 1886, mostrou que o carbúnculo era causado por um micróbio, descobriu o vibrião séptico, o estafilococo, a vacina contra o carbúnculo e, depois de inúmeras dificuldades, a vacina contra a raiva, que lhe deu a glória (1886). Seus trabalhos foram coroados pela criação do Instituto Pasteur (1888), destinado a prosseguir a obra da microbiologia, ciência que ele criara.

091

Gustave Kahn, poeta francês n. em Metz em 1859 e m. em Paris em 1936. Membro do grupo simbolista, foi um dos teóricos do verso livre.

092

Luís Vaz de Camões, poeta português n. em Lisboa ou Coimbra, c. 1524 e m. em Lisboa em 1580. Foi um dos vultos maiores da literatura da Renascença. Sua maior obra foram OS LUSÍADAS.

093

Emílio Biel, negociante que introduziu em Portugal a fotografia, foi um dos introdutores da iluminação elétrica e fundou uma notável oficina litográfica. N. em Armaberg (Alemanha), em 1838. Foi para o Porto em 1860. Por ocasião do tricentenário de Camões, em 1880, publicou uma rica edição ilustrada dos Lusíadas. Editor e fotógrafo de Arte e Natureza em Portugal (1902-8).

094

D. Sebastião Leite de Vasconcelos, prelado n. no Porto em 1852 e m. em Roma a 1923. Fez os primeiros estudos no colégio dos órfãos e o curso teológico no seminário do Porto. Em 1882 fundou no Porto com o nome de oficinas de São José, 1ª instituição de caridade para rapazes abandonados em que aprendessem diversos ofícios e deu-lhes um estatuto, que serviu de modelo a outras que depois se fundaram em Braga, Lisboa, Viana do Castelo e Barcelos. Dirigiu esta instituição durante 25 anos e ao ser elevado ao episcopado, confiou-a aos Salesianos de d. Bosco.

095

Rui Barbosa de Oliveira, jurisconsulto, escritor, jornalista, orador e político brasileiro, n. em Salvador/BA em 1849 e m. em Petrópolis/RJ em 1923. Destacada figura da campanha abolicionista, que iniciou no Diário da Bahia e continuou, no Rio de Janeiro, em O país e no Jornal do Comércio. Em 1878 elegeu-se deputado à Assembléia Provincial baiana e, no ano seguinte, deputado geral, distinguindo-se na elaboração da reforma eleitoral e em pareceres sobre o ensino. Durante o último gabinete da monarquia, desligou-se do Partido Liberal, passando a defender o regime federativo. Na República, foi vice-presidente do governo provisório, e ministro da Fazenda. Candidato duas vezes à presidência (1910 e 1919), liderou o primeiro movimento significativo de opinião pública, a famosa Campanha Civilista. Foi senador pela Bahia e vice-presidente do Senado (1906-1909). Representou o Brasil na Segunda Conferência da Paz, em Haia (1907), ficando conhecido como a Águia de Haia. Afastou-se da política em 1920, passando a integrar a Corte Permanente Internacional de Justiça.

096

Benjamin Constant Botelho de Magalhães, militar e político brasileiro n. em Niterói em 1836 e m. no Rio de Janeiro em 1891. Participou da Guerra do Paraguai, como engenheiro, construindo as fortificações de Tuiuti. Foi ministro da Guerra do primeiro governo provisório republicano, e da Instrução, quando empreendeu uma reforma educacional, influenciada pelo positivismo de Comte. Distinguiu-se no magistério e na reorganização do Instituto Imperial dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant, do Instituto de Surdos-Mudos, do Colégio Pedro II e da Escola Normal do Rio de Janeiro. A Constituição de 1891 considera-o, nas disposições transitórias, "fundador da República".

097

Nome comum a várias povoações acasteladas pré romanas, da Península Ibérica. Esse nome designa "povoação fortificada em coroa de monte". Há várias no Minho. A principal é a de Briteiros, perto de Guimarães, explorada pelo arqueólogo Martins Sarmento.

098

Ernest Auguste Havet, professor e erudita francês n. e m. em Paris (1813-1889).

099

Edmundo Haraucourt, poeta e literato francês, n. em Bourmont (Haute Marne) em 1856, m. em Paris em 1941. Nomeado, em 1894 conservador do Museu del Trocadero e depois, do de Cluny. Autor e tradutor de diversas obras e colaborador das revistas Nouvelle Revue, Revue Illustrée, Independence Belge, entre outras.

100

Jules Barthélemy -Saint-Hilaire, político e erudito francês, n. e m. em Paris (1805-1895), tradutor das obras de Aristóteles.

101

Francisque [ ? ] Bouillier, filósofo francês n. em Lyon em 1813 e m. em Simandres em 1895. Professor de filosofia e decano da faculdade de Lyon, reitor de Clermont (1864), inspetor geral (1865), diretor da escola normal (1867-1870), nomeado membro da Academia de Ciências Morais e Políticas em 1875.

102

Marcelin Berthelot, químico e político francês, n. e m. em Paris (1827-1907), autor de trabalhos sobre a síntese dos corpos orgânicos e sobre termoquímica.

103

Etienne Stanislas Meunier, geólogo francês, n. e m. em Paris (1843-1925). Procurou resolver os grandes problemas da geologia pelas causas atuais. Reproduziu artificialmente diversos minerais e deu a conhecer, a partir do estudo dos meteoritos, a geologia comparada dos astros do sistema solar. Autor de diversas obras sobre geologia.

104

Gabriel Auguste Daubrée, geólogo e mineralogista n. em Metz, 1814; m. em Paris em 1896. Professor de mineralogia e geologia na faculdade de Strasburgo - deão em 1852, engenheiro chefe em 1855, nomeado membro da Academia de Ciências em 1861, da qual foi presidente em 1879. Escreveu, entre outras obras: "Os meteoritos e a constituição do globo" (1886).

105

Deve referir-se a Jean Baptiste Auguste Chaveau, fisiologista francês, n. em Villeneuve-la-Guyard em 1827, e m. em Paris em 1917. Foi professor e depois diretor da escola veterinária em Lyon, professor de patologia experimental do Museu de História Natural. Dedicou-se ao estudo e desenvolvimento da anatomia comparada e às doenças infecctuosas sobretudo a tuberculose. Foi um dos primeiros e mais ardentes defensores das idéias de Pasteur. Estudou também os fenômenos da circulação e os problemas da fisiologia geral.

106

Albert Gaudry, paleontologista francês (Saint-Germain-en-Laye, 1827 - Paris, 1908). Deve-se-lhe importante contribuição à teoria da evolução.

107

Hervé Faye, astrônomo francês n. em Saint-Benoit-du-Sault (Indre) em 1814 e m. em Paris em 1902. Suas concepções em astronomia contrariam o sistema cosmogônico de Laplace.

108

Jean Antoine Léon Bassot, general e sábio francês n. em Reviere (Côte d'Or em 1817 e m. em Paris em 1917).

109

James Priscott Joule, físico inglês n. em Salford em 1818 e m. em Sale, perto de Manchester, em 1889. Aluno de Dalton ele começou por estudar o magnetismo, depois, em 1842 formulou as leis que trazem o seu nome.

110

Luís Cipriano Coelho de Magalhães, escritor e político n. em Lisboa a 1859 e m. em 1935. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra e deixou vasta obra.

111

Manuel Vieira Tosta, barão, visconde e marquês de Muritiba. N. em Cachoeira (BA) em 1807 e m. no Rio de Janeiro em 1896. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela faculdade de São Paulo em 1831.

112

Numa Denis Fustel de Coulanges, n. em Paris, em 1830 e m. em Massy, em 1889. "Agregé" de História, doutor em Letras, professor no Liceu de Amiens (1855), no Liceu São Luís (1858-1860). Um dos mestres da ciência histórica por sua paixão da verdade, a severidade do seu método, sua perspicácia. Autor de A cidade antiga (1864) e da História das instituições da França antiga.

113

Albert Sorel, historiador e literato francês, n. em Honfleur, em 1842 e m. em Paris, 1906, autor de A Europa e a Revolução Francesa. Diplomata, em 1876 foi secretário geral da presidência do Senado; em 1889 ingressou na Academia de Ciências Morais e Políticas e, em 1893 sucedeu Taine na Academia Francesa. Escritor elegante e refinado é um genuíno representante dos historiadores clássicos franceses, discípulo de Taine. Colaborou em Le Temps, Revue des deux mondes, etc.

114

Marie Léonard Charles Nisard, literato francês, n. em Chantillon-sur-Seine em 1808, m. em Paris em 1889. Ocupou diversos postos administrativos e em 1876, foi membro da Academia das Inscrições e Belas Artes. Deixou várias obras de valor.

115

Ernest Renan, historiador e filólogo francês n. em Treguier em 1823 e m. em Paris em 1892. Dedicou-se de sua vocação eclesiástica para consagrar-se à história das línguas e das religiões: seus trabalhos de exegese confirmaram as convicções racionalistas que revelou em O futuro da ciência (1890), História das origens do cristianismo (1863-1881). Suas Recordações da infância e da juventude (1883) explicam as circunstâncias que lhe fizeram perder a fé.

116

Ver nota número 96.

117

William Ewart Gladstone, político britânico, n. em Liverpool em 1809 em. m. em Hawarden, em 1898, chefe do Partido Liberal, a partir de 1865, foi primeiro ministro 4 vezes e empenhou-se em obter a Home Rule para a Irlanda e em fazer a reforma do sistema eleitoral. Conseguiu, ainda o comércio livre e a legalização dos sindicatos operários.

118

João Severiano da Fonseca, n. em Alagoas em 1836 e m. no Rio de Janeiro em 1897. Formado em medicina pela faculdade do Rio de Janeiro, general de brigada, membro da Academia Imperial de Medicina, sócio honorário do IHGP e do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagado.

119

Albertina de Sousa Paraíso. Poetisa, n. no Porto em 1864. Desde muito cedo sentiu-se atraída pela literatura, aperfeiçoou-se no estudo das línguas francesa, inglesa e italiana. Freqüentou a Academia de Belas Artes do Porto, começou a lecionar línguas e desenho, pintando nas horas vagas à óleo e pastel, mas prevalecia a escitora e suas poesias publicadas em diversos jornais portuenses e lisboetas alcançavam grande sucesso. Fundou no Porto o Almanaque das Senhoras Portuguesas e Brasileiras; fundou ainda a revista Alma Feminina e mais tarde O Jornal da Mulher.

120

Antoine Laurent de Lavosier, químico francês n. e m. em Paris (1743- 1794), um dos criadores da química moderna. Devem-se-lhe nomenclatura química, o conhecimento da composição do ar, a descoberta do papel do oxigênio nas combustões e na respiração dos animais, a formulação da lei de conservação da matéria. Na física, efetuou as primeiras medições calorimétricas. Tomou parte na comissão encarregada de estabelecer o sistema métrico.

121

Francisco de Figueiredo, visconde e conde de Figueiredo, n. no Rio de Janeiro em1843. Banqueiro, economista e financeiro, foi diretor do Banco do Brasil, e fundador de diversos estabelecimentos bancários.

122

Deve referir-se a Michel Eugène Chevreul, químico francês n. em Angers em 1786 e m. em Paris em 1889. Foi professor de química no Liceu Carlos Magno e diretor das tinturarias de manufatura dos "Gobelins". Admitido à Academia das Ciências em 1826. Nomeado diretor do Museu ? em 1864 posto que conservou até 1879. Deve-se-lhe a análise dos corpos gordurosos e a invenção das velas esteáricas.

123

Paul Mantegazza, médico e antropólogo italiano, n. em Mônaco, em 1831 e m. em Spezzia em 1910. Prof. de patologia geral na universidade de Pávia, encarregado do ensino de antropologia no Instituto de estudos superiores de Florença. Aos 19 anos escreveu sobre a geração espontânea. A ele se deve o primeiro laboratório de patologia geral da Europa, em Florença.

124

Deve referir-se a Manuel Ruiz Zorrilla, n. em Burgo de Osman (1833-1895). Licenciado em Direito em Madri, militou muito na política, no partido progressista. Foi deputado e ministro algumas vezes. Expulso da Espanha em 1875, viveu na França e na Suíça, sempre conspirando. Devido à sua enfermidade cardíaca, permitiram-lhe regressar à Espanha em 1895, falecendo no mesmo ano.

125

Antônio Alves Mendes da Silva Ribeiro, cônego de origem humilde conseguiu freqüentar o Liceu de Coimbra e o curso superior do seminário. Formou-se em teologia na universidade de Coimbra. Foi pároco da freguesia do Vale do Remígio até 1863, ano em que tornou-se cônego da Sé do Porto; em 1901 recebeu a dignidade de arcebispo de Oliveira. Nascido em Penacova em 1838 e m. no Porto em 1904. Distinguiu-se como escritor e orador sacro, notável estilista, mais preocupado com a forma do que com a idéia.

126

José Reinach, político e escritor francês, n. e m. em Paris (1856-1921). Estudou no Liceu Condorcet e na faculdade de Direito. Atuou na redação da República Francesa da qual foi dirigente a partir de 1886. Exerceu importante papel político. Escreveu inúmeros artigos com o pseudônimo de Polibe.

127

Alfredo Pinto de Almeida Carvalhais, n. em Barcelos em 1851 e m. no Porto em 1890. Deixou muitas obras de valor entre as quais: Beatrice, Musicografia e Galeria de Homens Honestos.

128

Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, visconde de Aljezur, nasceu no Brasil em 1820, filho primogênito do desembargador Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, e de sua mulher, Maria Carolina Pinto Coelho da Cunha. Casou em 1845 com Maria Rita de Noronha que por decreto de 15/9 e carta de 23/10/1858, recebeu de d. Pedro V o título, em sua vida, de viscondessa de Aljezur e, por decreto da mesma data, foi autorizado o seu marido a usar o mesmo título, que lhe foi confirmado no Brasil, por d. Pedro II, por portaria de 23/12 do mesmo ano.

129

Deve referir-se a Gustavo Engel, n. em Könsberg em 1823 e m. em Berlim em 1895. Crítico musical e mestre de canto, catedrático da Academia de Música de Kullak. Deixou muitas obras com características, em parte filosóficas, em parte pedagógicas.

130

Alexandre Porfirevitch Borodine, n. e m. em São Petersburgo (1834-1887), descendente de príncipes. Professor de química na Academia de Medicina e de cirurgia de São Petersburgo, conselheiro de Estado, autor de numerosas memórias científicas publicadas na Rússia e na Alemanha, fez notar como músico. Considerado, como chefe e percursor da nova escola russa de música. Compôs vários tipos de obras mas apenas uma ópera, O Príncipe Igor, que deixou inacabada.

131

João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu n. em 1810 e m. em 1906. Bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais no ano de 1835 pela Faculdade de Direito de Olinda. Quando estudante em Olinda se dedicou ao jornalismo, voltando a militar na imprensa em 1846 como redator-chefe da Gazeta Oficial. Ingressou na política como deputado à terceira legislatura provincial de Alagoas, eleito ainda na Europa, obtendo o primeiro lugar na votação. Foi presidente das Alagoas (1839), de Sergipe (1841), Rio Grande do Sul (1852) e Bahia (1856). Como ministro ocupou as seguintes pastas: Negócios Estrangeiros (1859), Agricultura, Comércio e Obras Públicas (1862), Justiça (1863) e no 27º gabinete de 1878, substituiu, interinamente, o ministro da Fazenda, o dos Negócios Estrangeiros e o da Guerra. Ocupou diversos cargos, entre eles: Deputado geral em 1842, tendo o seu mandato renovado na 5ª legislatura de 1843/44 e deputado geral pelas Alagoas para a 9ª legislatura de 1853/56; Ministro residente na República Oriental do Uruguai; Senador por Alagoas, cargo ao qual renunciou em 1888, dando por assim encerrada a sua carreira parlamentar.

132

Bokhara ou Boukhara - vila do Turquestão russo (Ásia central), importante entreposto comercial.

133

Não é Zorrella, é José Zorrilla y Moral, n. em Valadolid em 1817 e m. em Madri em 1893. Filho de José Zorrila, absolutista, partidário de Fernando VII, relator da Real Chancelaria de Valadoli e d. Nicomedes Moral por quem tinha adoração. Enviado a Toledo para estudar leis preferiu estudar o passado godo, mouro e imperial apaixonando-se pela leitura do Romancero. Indo mais tarde para Madri seguiu uma vida romântica freqüentando teatros e perambulando pelas ruas altas horas - foi quando escreveu seus primeiros versos. Deixou inúmeras obras, entre as quais Granada; poema em 2 volumes, publicado em Paris.

134

Referir-se-á a Tomás Antônio Ribeiro? Nascido em Parada de Gouta em 1831 e m. em 1901. Estudou Direito em Coimbra, deputado ao Parlamento, ocupou diferentes cargos administrativos nas colônias e na metrópole. Foi embaixador no Brasil (1895-96). Deixou numerosa obra publicada inclusive uma História da Legislação Liberal Portuguesa, colaborando em vários periódicos literários.

135

Naquele tempo hospício era sinônimo de hospital.

136

Charles Maurice de Talleyrand-Perigord, prelado e diplomata francês n. em e m. em Paris (1754-1838). Bispo de Autun em 1788 e deputado à Constituinte, tornou-se chefe do clero constitucional. Condenado pelo papa, abandonou a Igreja. Conquistou a confiança de Napoleão, que o nomeou ministro dos Negócios Estrangeiros (1797-1807). Caiu em desgraça (1809) após Ter, provavelmente, conspirado para derrubar o imperador. Em 1814, constituiu um governo provisório, entregando o poder a Luís XVIII. De novo no Ministério dos Negócios Estrangeiros, assinou o tratado de Paris. É notória a habilidade com que agiu no Congresso de Viena.

137

Reinhold Begas, escultor e pintor, n. e m. em Berlim 1831-19110. Estudou na Academia de Berlim sob a direção de L. Wichman, Schadow e Rauch. Sua obra se inspira na escultura barroca.

138

Jorge Alexandre Ronconi, barítono italiano, n. em Veneza em 1821 e m. em Madri em 1890. Dedicou-se também ao ensino, inclusive da música.

139

Práxedes Mateo Sagasta, político espanhol, n. em Torrecilla de Cameros em 1827 e m. em Madri em 1903. Chefe do Partido Liberal.

140

Germano Gamazo, n. em Valadolid em 1838 e m. em Madri em 1901. Estudou Direito em Valadolid e militou na política. Atuação importante no ensino com a reorganização das escolas normais e do estudo do bacharelato na faculdade de Filosofia e Letras etc. Infiltrou no partido liberal o protecionismo racional e sensato, foi um protetor da agricultura e da indústria nacionais - influenciou Sagasta.

141

Zorrilla Y Moral (José), poeta espanhol n. em Valladolid em 1817 e m. em Madri em 1893, autor de poesias e dramas românticos cujas personagens são tomadas às lendas e às tradições populares da Espanha.

142

Joaquim Pinto de Campos n. em Pajeú de Flores/PE em 1819, e m. em Lisboa em 1887. Militou desde 1845 sob as bandeiras de um dos partidos políticos do Império e cooperou muito a bem da ordem pública, alterada pela revolução pernambucana de 1849. Foi deputado à Assembléia provincial e à geral em 5 legislaturas, sendo o relator da comissão especial que deu parecer sobre o projeto relativo à liberdade de ventre, convertido na lei de 28 de setembro de 1871. Exerceu o cargo de bibliotecário da Faculdade de Direito, o de professor do ginásio pernambucano e de membro do conselho diretor da instrução pública.